

A função pedagógica do Mukanda na cultura Lunda-Cokwe: reflexões e evidências

Mukanda's pedagogical role in Lunda-Cokwe culture: reflections and evidence

José Eduardo Cândua ^{1*}, João Muteteca Naege ²

¹ Lic. Professor do Ensino Secundário, Dundo. canduaedu@gmail.com

² Lic. Professor Auxiliar. Universidade Lueji A'Nkonde. naegejoaonauege@yahoo.com.br

*Autor para correspondência: canduaedu@gmail.com

RESUMO

O processo educativo é considerado complexo, por isso que deve procurar associar a educação formal (escola moderna) à educação informal (Mukanda), com vista a facilitar o alcance dos objetivos, pois no nosso contexto, essas duas áreas apresentam um único ponto de convergência: a transformação do homem. Por isso que a presente investigação tem como tema: "a função pedagógica do Mukanda na cultura Lunda-Cokwe: reflexões e evidências". Os resultados da entrevista aplicada a 17 munícipes mostram a necessidade de recuperar esta prática e indica como principais fatores do seu abandono na sociedade: a guerra, perda de aulas na escola formal colonização e as religiões que desincentivam essas práticas.

Palavras chave: Função Pedagógica; Mukanda; Cultura Lunda-Cokwe; Adolescente.

ABSTRACT

The educational process is considered complex, that is why it should try to associate formal education (modern school) with informal education (mukanda), in order to facilitate the achievement of objectives, because in our context, these two areas present a single point of view convergence: the transformation of man. That is why the present investigation has as its theme: "the pedagogical function of Mukanda in the Lunda-Cokwe culture: reflections and evidence". The results of the interview applied to 17 residents show the need to recover this practice and indicates as the main factors of their abandonment in society: war, missed classes, colonization and the religions that discourage these practices.

Keywords: Pedagogical Function; Mukanda; Lunda-Cokwe Culture; Teen age.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da necessidade da conservação e divulgação do Mukanda na cultura Lunda-Cokwe, por causa da sua função pedagógica na educação dos jovens. O seu desenvolvimento preenche o vazio que se constata na abordagem cultural, antropológica e sobretudo pedagógica da prática de Mukanda. Dentre os vários conceitos do Mukanda, **Nsaovinga** (2019) considera que o Mukanda “são as escolas iniciáticas de formação do homem. Têm sentido teórico-prático, pedagógico e ético-moral utilizados no mundo bantu e não só. Elas destinam-se à formação e instrução dos jovens para a vida e para a Comunidade” (s/p). Podemos acrescentar que o Mukanda é um ritual de circuncisão masculino e uma escola tradicional que visa proporcionar ensinamentos da cultura (dança, cântico, caça, entre outros) aos jovens, com vista a prepará-los para a vida adulta e conjugal.

Caracterização de meandros do Mukanda: sua prática

Geralmente, os jovens quando atingem a idade de circuncisão, juntos com a família combinam e preparam a atividade. Os pais indicam o “Nganga-mukanda” do bairro aos filhos, e, estes por sua vez, vão a casa deste ancião e como reza a história, quando chegam a casa fazem-no a seguinte pergunta provocatória: o quê você guarda neste “cikanza”? (“cikanza”: pasta que o “nganga-mukanda” guarda o material de circuncisão e da tradição).

Esta pergunta marca o início do contacto entre o “kandandji” e o “nganga-mukanda”, e é do domínio dos anciãos.

Logo, no dia seguinte o “Nganga-mukanda” convida os pais destes filhos para prepararem a atividade de mukanda. A seguir, os mais velhos do bairro comunicam-se e a informação espalha-se, qualquer membro do bairro e dos bairros circunvizinhos se comunicam e preparam a atividade.

Antes de tudo, realiza-se uma festa pré-preparatória chamada “cisela”. A “cisela” é a festa que marca o início do mukanda. Segundo Martins (2001):

"A “tchisela” é a dança propiciatória da circuncisão, que se não pode dançar sem mulheres. Nesta dança, todas as brincadeiras são permitidas; não há maridos nem esposas, apenas homens e mulheres. Cada qual tem liberdade de dançar, agarrar, apertar ou apalpar outrem do sexo oposto de quem goste. Por conseguinte, quem tiver “ukwa” (ciúme) de sua mulher, que vá para casa ou se deixe ficar com ela junto da fogueira, a fim de não provocar qualquer desordem ou querela que possa vir a prejudicar a festa e a alegria dos outros" (p. 181).

Prepara-se um lugar próximo da aldeia, num mato próximo onde se organiza o “cifwa/cifa” (quitanda/citanda) onde decorrerá algumas atividades e a passagem para o mukanda.

Neste “cifwa/cifa” onde se realizam os ensinamentos (dança, canto, conhecimentos da agricultura, construção, ética e moral) aos kandandji e a própria circuncisão.

"Na véspera da entrada dos rapazes no Mukanda, logo que anoitece, todos os casais da aldeia e outros estranhos vão para dentro da “tchifwa”. Ali, cada um acende uma fogueira, junto da qual se senta. As fogueiras são ateadas em volta e perto do cercado, excepto na parte destinada aos “tundanche” (circuncidados), operadores e “ikolokolo” (ajudantes dos operadores). A fogueira do operador-chefe situa-se ao pé da casa da “Na Tchifwa”, a dos “tundanche” e seus “ikolokolo” junto do “nganga-mukanda” (operador-chefe ou operador-sacerdote), de forma a que este os veja constantemente" (Martins, 2001, p. 180).

O autor acrescenta ainda que “as fogueiras são acesas pelas mulheres e a dos “tundanche” pelos “ikolokolo” (ajudantes dos operadores); aos candidatos, nenhum trabalho é permitido fazerem na véspera da circuncisão, a fim de evitar qualquer ferimento, com o qual já não poderiam entrar no Mukanda” (p. 181).

A organização da atividade de mukanda implica que cada kandandji tenha o seu “cikhokholo”, porque, este serve de seu guia ou seu chefe imediato e aquele que cuja responsabilidade é alimentá-lo e continuar a fazer curativo nele.

Martins (2001) afirma que “na véspera da circuncisão, ao romper do dia, o “nganga-mukanda”, seguido do mukiche” (mascarado) dos “ikolokolo” e de todos os homens da aldeia, marca a “tchifwa”, destinada exclusivamente às danças dedicadas aos “tundanche” (circuncidados)” (p. 179).

Dando sequência ao acto, como refere Martins (2001):

"Cortando o “mwima”, o kandantche que deu a última machadada, limpa-lhe os ramos e entrega-o ao “mukiche”. Este, à frente de todo o cortejo, transporta-o ao ombro até à frente da porta da “Na Tchifwa”, onde é plantado numa pequena cova, aberta pelos “ikolokolo” e onde o operador põe um pouco de lama para que o “mwima” não seque; se tal sucedesse o emagrecimento e as doenças poderiam alcançar os circuncidados.

Durante a plantação do “mwima”, o “nganga-mukanda” vai cantando:

- “musaswe, musaswe”. – (coisa amarga, coisa amarga).

- “woho! Musaswe” (ibid., 179).

Nganga-mukanda

O “Nganga-mukanda” é considerado o responsável máximo do mukanda. O mukanda é visto como uma escola, um hospital tradicional de circuncisão e uma sociedade principalmente. Onde o “nganga-mukanda”, cabe-lhe a missão de orientar esta sociedade, organizar e ter o poder tradicional de proteger a mesma contra os maus espíritos. Ele é visto de operador também porque é a pessoa dotada de conhecimento de circuncisar os “kandandji” (thundandji, nos apontamentos de Martins (2001), o autor grafa “Tundanche”), mas não é o único, pode convidar outras pessoas com experiência para o fazer. O “nganga-mukanda” tem a missão de acompanhar a atividade de início ao fim.

Nacifa

“Na Tchifwa”, a mulher mais idosa da aldeia a quem compete a preparação das primeiras refeições dos “tundanche”. A razão desta função ser atribuída a tal mulher é para que os circuncidados não emagreçam, não adoeçam ou morram, o que podia suceder se as refeições fossem preparadas por uma mulher de estado impuro, isto é, que pudesse ter relações sexuais com qualquer homem, o que a ela é vedada” (Martins, 2001, p. 179).

Cikholokholo

Como o mukanda é realizado em espécie de uma sociedade de muitos thundandji e outros membros já acima referenciados. É indicado para cada kandandji um “cikholokholo”.

O “cikholokholo” tem a missão de alimentar o seu kandandji e fazer o curativo ao mesmo até que os ferimentos curarem, pois, os “thundandji ficam todos imobilizados, isto é, desde o momento em que se faz a circuncisão eles ficam impedidos de se movimentarem para permitir que curem rápido. O “cikholokholo” tem a responsabilidade de levar o kandandji fora as manhãs e durante a noite controlá-lo para não tirar os paus que lhe são colocados sobre os pés com a finalidade de proteger o pénis.

O Cikholokholo leva sempre o kandandji todas as manhãs ao “kaxinakagi” (recipiente onde se faz o curativo), este é colocado ao lado do rio.

Thundandji

Os “thundandji” são o conjunto de adolescentes ou jovens que são levados ao Mukanda a fim de serem circuncidados, educados, instruídos e terem uma visão do mundo de um indivíduo desperto, orientado, culto à maneira da tradição Lunda-Cokwe.

Durante o tempo de tratamento, o kandandji usa o “zombo” (vestuário do kandandji em espécie de saia). Os “thundandji” são colocados num único sítio sentados (em espécie de hospitalização), ali onde estão sentados são ensinados como se comportar em sociedade, os valores de solidariedade, honestidade, espírito de sacrifício, resiliência, a moral, a ética, aprendem diferentes ofícios, as danças, as canções, a ética e até quando curarem.

Assim que curarem vão ao rio fazer o “Nhikwalomba” (primeiro banho no rio depois de curarem). A ida ao rio faz-se de manhã cedo. E à medida que vão ao rio entoam a seguinte canção:

- Twalhe, twalhilonge eh eh le le le...

Essa canção serve para comunicar à família no bairro de que eles já estão curados e prestes a retornarem. E também serve de apelo durante a ida ao rio para que, se estiver a vir uma mulher, que se afaste, pois durante o mukanda nenhuma mulher deve vê-los.

Akixi: tipologia e função

“Akixi” (palhaços) têm a responsabilidade de ensinar a dança, o cântico e ensinar também como se tocam os instrumentos tradicionais, como por exemplo, “ngoma ya xina” (bataque grande). “Akixi” têm também a responsabilidade de ir à aldeia ou percorrer às aldeias vizinhas dançando com o intuito de recolher donativos para alimentar as pessoas que estão no mukanda.

“Akixi” têm diversas funções na cultura Lunda-Cokwe que vão desde a função sociocultural, espiritual e filosófica. “Akixi” é como um sinal visível da presença dos antepassados ou de um ser mítico. Os “Akixi” é utilizado sempre que se precisa do apoio do mundo invisível. Também aparece quando escasseia a chuva ou há problemas de fertilidade na comunidade.

Na dimensão filosófica e religiosa, os akixi constituem uma sociedade secreta, pertence à sociedade secreta dos iniciados, do saber político, da medicina holística e aparecem em determinadas épocas tais como os que acima enumeramos. Por este facto, temos que ter o cuidado de não revelar todos os segredos dos akixi, porque só se pode fazê-lo em circunstâncias próprias, ou seja, no mukanda ou no Mungongue, onde os iniciados são tidos, para a aprendizagem destes segredos.

DESENVOLVIMENTO

A função de mukanda como escola na cultura Lunda-Cokwe

Nesta epígrafe da nossa investigação, antes de apresentarmos reflexões em torno da função pedagógica do Mukanda na cultura Lunda-Cokwe, importa fazer uma incursão sobre a educação.

No sentido lato, a educação é termo que designa o processo de desenvolvimento e realização do potencial intelectual, físico, espiritual, estético e afetivo, que geralmente se dá de gerações adultas às gerações jovens. Enquanto na educação formal o processo pode ocorrer de uma forma bilateral, isto é, de cima para baixo ou vice-versa, onde, a partir deste princípio, não se estabelece hierarquias absolutas. Na educação informal parece haver hierarquias de transmissão de conhecimentos, parece que esta estrutura foi estabelecida pelos nossos ancestrais pelo simples facto, as vivências e a experiência social determinam o domínio cultural da primeira sociedade (os adultos) e que a segunda esfera (os jovens) motivada pelas emoções, carece de apoio e orientação dos mais velhos.

A educação "também designa o processo de transmissão da herança cultural às novas gerações" (Marques, s/d., p. 36).

Na mesma linha de pensamento, Ecco & Nogaro (2015):

"Educação e humanização são termos indicotomizáveis, pois educar, em síntese, objetiva formar e “transformar” seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos. Ademais, concebemos o ato pedagógico como um acto de educar; e o trabalho do educador efetiva-se com e entre seres humanos. E, nesse sentido, compreendemos que uma educação autêntica promove a dignidade das pessoas, esperançosa de que vivam humanamente, isto é, que sejam capazes de fazerem-se, construírem-se, inventarem-se, desenvolverem-se, pois não nascemos prontos, acabados, satisfeitos" (p. 3526).

Ao pensarmos na qualidade do processo de ensino-aprendizagem da História ou qualquer outra disciplina curricular, o alcance desta passa pela educação de qualidade desde os professores, os currículos e as condições de aprendizagem dos alunos. Os objetivos da educação estão voltados à transformação do indivíduo e por sua vez o indivíduo vai transformar a sociedade.

Percebe-se aqui a importância de se transmitir aos jovens os conhecimentos da nossa cultura, com vista à sua transformação e domínio dos factos históricos.

Logo, podemos associar a transformação do homem à mudança social ou qualidade de vida social.

Por isso que, é inegável que a prática do Mukanda possa acompanhar as transformações sociais. As mudanças que sofrem as sociedades repercutem também na cultura, por isso, a cada dia, a prática do Mukanda se vai deixando de ser uma realidade em algumas famílias, o que constitui uma preocupação no seio dos professores da Histórias e dos diversos pesquisadores. Segundo Gaspar (1990):

"Mesmo nas civilizações tidas como culturalmente avançadas, a vida cotidiana sempre exigiu muito mais do que o conhecimento dos saberes apresentados formalmente nas disciplinas escolares. Há muito mais a aprender e desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar – sobreviver, enfim. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo, uma educação informal, a escola da vida, de mil milênios de existência" (pp. 172-173).

Com essa afirmação de Gaspar fica mais uma vez claro que a educação informal foi a inicial e que tem servido de base, ou melhor, tem dado os seus préstimos à educação formal.

Diante do acima exposto, a uma pergunta que não se cala: qual é a função pedagógica do Mukanda como escola informal? Ressalte-se que a informalidade da educação/instrução do Mukanda é discutível, pois é assim vista com a colonização de África, os anciãos ouvidos no âmbito do nosso estudo, acreditam que tal qual a educação, dita formal, para europeus, Mukanda também para os africanos é uma educação formal, nada tem de informalidade.

Durante quase 15 anos de docência na disciplina de História é visível às emoções e alegria nos nossos alunos quando se está a desenvolver uma aula cuja fundamentação e exemplificação permite o recurso às suas vivências ou à cultura do Mukanda. Nota-se a espontaneidade da alma nos alunos, eles ficam muito alegres e que nem sentem o passar de tempo e nem demonstram fadiga. O que desperta mais o interesse em pesquisarmos nesta área e isto leva-nos a sonhar que num futuro próximo se produza legislação que permita a integração do ensino-aprendizagem do Mukanda na educação formal, pois possui já uma estrutura organizacional bem definida e que pode contribuir na construção da sociedade conhecedor e valorizador da cultura.

Em muitas ocasiões quando se coloca na avaliação uma questão ou mais que abordam a situação cultural do mukanda, às vezes como pergunta argumentativa, nota-se que todos os alunos respondem bem, esta avaliação geralmente apresenta resultados muito positivos. O que nos leva a crer que, se os conhecimentos da realidade social fossem trazidos para a escola poderia facilitar o desenvolvimento do pensamento dos alunos e tornar o ensino-aprendizagem mais produtivo e significativo. Se a função de mukanda como escola na cultura Lunda-Cokwe for levada em consideração dentro processo de ensino-aprendizagem estaríamos a associar o ensino da História a um tipo de aprendizagem defendida pelo Ausubel "Teoria de Aprendizagem Significativa", que tem como objetivos

"a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos possibilitando construção de estruturas mentais por meio da utilização de mapas conceituais que abrem um leque de possibilidades para descoberta e redescoberta de outros conhecimentos, viabilizando uma aprendizagem que dê prazer a quem ensina e a quem aprende e também que tenha eficácia" (Ausubel, 1982, citado por Klausen, 2015, p. 6404).

Porque não é possível pensar na cultura Lunda-Cokwe sem se fazer viagem ao Mukanda e Cyanda. Esses conhecimentos estão presentes na convivência e na sociedade. E para aqueles jovens que não tiveram a sorte de viver a realidade de Mukanda, isto é, os jovens que habitam nas cidades e principalmente aqueles filhos de pais não conservadores poderiam conhecer o Mukanda cultura Lunda-Cokwe por via de descoberta, o que nos dá a necessidade de se percorrer a Pedagogia de Piaget. Gaspar (1990) apresenta a síntese da Pedagogia postulada pelo Piaget:

"Em síntese, de acordo com essa proposta pedagógica, o aluno, mesmo interagindo com o professor e seus colegas, só aprenderia redescobrimo ideias, conceitos e princípios científicos. A aprendizagem seria um processo individual, solitário, único. Ao professor caberia prover atividades que levassem os alunos a essa redescoberta". (p. 176).

Para este segundo grupo de alunos (os que vivem em localidade cujo Mukanda não é uma prática actual) podem chegar neste conhecimento por via da descoberta.

Importa recordar que abordagem deste item da nossa investigação centra-se na função de Mukanda como escola na cultura Lunda-Cokwe. O Mukanda é considerado uma das escolas mais antigas da cultura Lunda-Cokwe que visa circuncisar os jovens e educá-los. Segundo Rocha (2007):

"Podemos dizer que rituais são praticados por povos de todo o planeta e das mais variadas formas. Em geral denotam uma mudança significativa no *status* cultural e social de um grupo ou indivíduo dentro da sociedade. O ritual de iniciação não só marca essa mudança como a celebra diante da comunidade como um todo. Em muitas culturas da África central o ritual de iniciação, ou rito de passagem, se dá na puberdade e é parte inerente da educação de uma pessoa. Seu propósito consiste em transformar a criança em adulto por meio do conhecimento dos parâmetros que regulam o comportamento na vida adulta" (p. 95).

Retomando a questão, Cumbelembe (2015) considera que:

"A função quer dizer atribuição (encargo), poder dado a alguém ou uma organização (Instituição) para realizar alguma tarefa ou, cumprir uma missão. No âmbito deste estudo, função diz respeito ao desempenho ou missão que a sociedade confia à escola. O conceito confere identidade à organização escola, cuja missão desde os primórdios é transmitir ferramentas indispensáveis à vida das gerações novas" (p. 10).

No que tangem aos ensinamentos que são transmitidos aos jovens durante o Mukanda destaca-se a dança, o cântico, a caça e os valores morais, tal como temos vindo a referir. A congregação e partilha de conhecimentos aos jovens constituem uma importante função social de Mukanda. Porque os jovens que não passavam no Mukanda dificilmente se apropriam desses conhecimentos a esse nível.

Parte metodológica

A presente investigação é de natureza descritiva e apresenta resultados qualitativos. Segundo Barros & Lehfeld (2007) consideram que na pesquisa descritiva,

"não há interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objecto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenómeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenómenos. A pesquisa descritiva engloba dois tipos: a pesquisa documental e/ou bibliográfica e a pesquisa de campo" (s/p).

Para o desenvolvimento do trabalho foi preciso utilizar os seguintes métodos: a observação e revisão documental. Ao passo que a entrevista semiestrutura serviu como instrumento de recolha de dados:

À luz deste trabalho, recorre-se à entrevista como técnica/instrumente de recolha de dados que foi aplicada a 17 munícipes do Dundo, tal como se discrimina na amostra, com vista a se obter informações sobre a situação actual da prática do mukanda na sociedade, distribuídos da seguinte forma: 4 professores da História (A), 4 autoridades tradicionais (B), 1 filósofo (C), 1 sociólogo (D), 1 psicólogo (E), 1 Diretor do Museu do Dundo (F), 4 anciãos (G) e 1 especialista da cultura que trabalha no Museu do Dundo (H). Para facilitar a interpretação de dados, foi preciso estabelecer grupos representados por letras alfabéticas. A categoria dos "professores da História" será subdividida em: A1, A2, A3 e A4. A das "autoridades tradicionais" foram categorizadas em: B1, B2, B3 e B4. Ao passo que a categoria dos anciãos será subdividida em: G1, G2, G3 e G4. A designação é dada, porque excedem 1, para facilitar a compreensão da informação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre como definem o Mukanda, obtivemos os seguintes resultados:

O Mukanda é tido como centro de formação, pois outrora havia poucas escolas formais, e ele (mukanda) foi adoptado como escola que visava proporcionar educação integral aos jovens, para que, com essa instrução, puderem ter conhecimentos para no futuro responder os desafios sociais (A1).

O Mukanda é o ritual de circuncisão e de educação dos jovens com idades compreendidas entre os 16 a 18 anos, onde aprendem a, fazer armadilhas para caçar os animais, a pesca e a construção de casas, entre outras atividades tradicionais (B2).

Questionados se na sua comunidade ainda se pratica Mukanda, tivemos os seguintes resultados:

Sim, pese embora que não seja mais uma realidade recorrente no nosso contexto. Nos dias de hoje, esta prática verifica-se mais nas zonas recônditas ou rurais. Tudo por causa do processo de aculturação que a nossa sociedade tem vindo a enfrentar, o que faz com que as pessoas passam a levar os filhos no hospital para serem circuncidados e descartando o Mukanda (A1).

Na minha comunidade já não se pratica o Mukanda, por diversos motivos a destacar: o factor guerra onde as pessoas foram obrigadas a emigrar para outras localidades onde não se pratica Mukanda. Na minha leva por exemplo, fomos a última geração a passar pelo Mukanda, depois daí os pais começaram a proibir que se levasse criança na mata para participarem no mukanda sob pena de serem ruscados e levados a vida militar. Outro factor é que as pessoas tendem a abandonar a cultura Cokwe afirmando que provoca atraso escolar e as igrejas por tratarem de ser coisas diabólicas (G2).

Questionados se quantos meses dura ou durava o mukanda, as principais respostas dadas pelos entrevistados são:

Antigamente o Mukanda levava de 6 meses a 1 ano, tudo para permitir a educação dos jovens (A2).

Como estudiosos temos levado a cabo algumas atividades junto das pessoas que passaram no mukanda, mas não se pode determinar taxativamente o tempo, mas dizer que varia entre os 6 meses a 1 anos (F).

Questionados se porque hoje em dia as pessoas preferem circuncidar os seus filhos no hospital, os nossos informantes esclareceram:

No meu ponto de vista, as pessoas preferem levar os seus filhos para serem circuncidados no hospital não só pelo facto das crianças perderem aulas, mas sim, a falta de valorização da nossa cultura Lunda-Cokwe no seio das atuais sociedades. Porque na minha aldeia, por exemplo, ainda se pratica o Mukanda (C).

Por mim, não tem a ver com a questão da escola, porque a sociedade encarava isso na normalidade. Porque o Mukanda também era uma escola e lá também os jovens aprendiam e podemos considerar isso como uma educação, pese embora ser diferente da escola formal. Quando digo que isso era normal, porque as pessoas levavam os filhos no Mukanda com base no calendário escolar e aproveitava-se o momento de férias. A preferência pelo hospital deve-se pelo processo de aculturação e também pelo processo de colonização, pois quando o colono chegou começou a diabolizar tudo aquilo que era da tradição dos nativos (F).

Questionados se como seria possível conciliar as atividades do mukanda que duram aproximadamente 9 meses e o calendário letivo ou a prática sempre significa a perda de ano letivo dos circuncidados:

No passado os jovens perdiam as aulas e perdiam o ano letivo escolar, o que fez com que muitas famílias se abdicassem dessa prática. Mas hoje em dia, acho que os pais e "nganga-mukanda" podem agendar essa atividade na fase de férias e realizar, porque ele é muito benéfico, isto é, os alunos podem estudar na escola formal e ter conhecimentos científicos e como podem estudar na escola tradicional (Mukanda) para absorverem os conhecimentos culturais da sociedade em que vivem, com vista a salvaguardar essa tradição oral (A2).

CONCLUSÕES

O presente trabalho carece de mais investigações e divulgação com vista a incentivar a retoma desta prática, mesmo de uma forma ajustada, pois o Mukanda desempenha um grande papel social e uma função pedagógica na cultura Lunda-Cokwe por ser responsável na educação dos jovens. E por causa das mudanças sociais que são uma situação inevitável, os entrevistados referem que é preciso esforços e acima de tudo ajustar a atividade à realidade. E mencionam como principais fatores que levaram muitas famílias em abandonar o mukanda: a guerra, perda de aulas, colonização e as religiões que desincentivam essas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Celvo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2014). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education 6. ed.
- Cumbelembe, A. (2015). Função da escola na formação de novos cidadãos. expectativas dos encarregados de educação estudo de caso de três escolas primárias dos municípios de Viana e Cazenga – Luanda. Évora.
- Ecco, I. & Nogaro, A. (2015). A educação em Paulo Freire como processo de humanização. URI Erechim.
- Gaspar, A. (1990). A Educação formal e a educação informal em Ciências. Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural.
- Klausen, L. d. (2015). *Aprendizagem Significativa: Um desafio*. Santa Catarina.
- Martins, J. V. (2001). Os Tutchokwe do Nordeste de Angola. Lisboa.
- Nsaovinga, C. A. N. (2019). Mukanda, Longo – Escolas Iniciáticas. Disponível em: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/mukanda-longo-escolas-iniciaticas/>. Acesso em: 13 de Março de 2021.
- Rocha, M. C. (2007). Imagem e palavras: suas correspondências na arte africana. São Paulo..

Síntese curricular dos autores

José Eduardo Cândua: Professor do Ensino Secundário, colocado na Direção do Colégio do Camaquenzo-1. Desde 2009 leciona a disciplina de História nas seguintes classes: 7.^a, 8.^a e 9.^a. É mestrando em Ciências de Educação tendo como linha de pesquisa: História da Educação e Historiografia. É docente colaborador da Escola Pedagógica da Lunda Norte afecta à Universidade Lueji A'Nkonde, lecionando as seguintes cadeiras: Ética e a Deontologia Profissional e História de Angola, ambas do Departamento de Ensino e Investigação de Pedagogia.

João Muteteca Naege: Professor Auxiliar na Universidade Lueji A'Nkonde; Investigador do Centro de Estudos e Desenvolvimento Social-Universidade Lueji A'Nkonde, Angola (CEDESULAN). Investigador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora (CELUÉVORA), Portugal. Orientador de vários trabalhos de Licenciatura e Dissertações de Mestrado, autor de diversos artigos científicos publicados em Angola, Portugal, Brasil e Itália.